

São Paulo, 20 de Outubro, de 1999.

Alexander Voeres Toth, húngaro e Carmen Olsen Chateau de Voeres, chilena, casados dia 9 de Outubro de 1951 em Santiago de Chile, chegamos ao Brasil no dia 28 de Agosto de 1952, com um bebê de um mes, como imigrantes, com visto permanente.

nosso filho Alexander José Voeres Olsen, estudou a partir de 1959 no grupo Escolar Tomas Galhardo, rua Marcelina, Vila Romana.

Depois até completar o primário, estudou no ginásio e escola Técnica de Comércio Mário de Andrade, rua Caio graco 263, Vila Romana, diplomou-se aí, em 19 de Dezembro de 1962.

No dia 1º de junho de 1962 fez a 1ª Comunhão na Matriz de São João Vianney, Agua Branca. Foi coroinha nessa igreja, nas missas do Domingo.

No segundo semestre de 1963, fez o 5º ano no grupo Escolar Pereira Barreto, da Lapa. Sendo admitido para o curso ginasial no Colégio Campos Salles, rua 12 de Outubro 375, Lapa, onde se diplomou, dia 19 de Fevereiro de 1968.

Por recomendações dos professores do Colégio Campos Salles, fez exame de admissão, para o Colégio Estadual Tidelino de Tigueiredo, rua Gabriel dos Santos 30. Sendo admitido, cursou o científico até 1970; nesse ano ganhou uma bolsa de estudo integral no Centro de Estudos Tilo-juris para candidatar-se no curso de Biologia na U.S.P.

Durante os dois primeiros anos do científico percebi que se falava muito em política, reclamei com a diretora varias vezes, a qual me convenceu que era próprio da idade e não precisava



C. de Voeres.

preocupar-me com isso. Pois nós preocupávamos, por estarmos acompanhando o momento político do país. Passou mais de um ano sem ouvirmos falar mais em política.

Ideal não seria nossa surpresa, quando em Outubro de 1971, um colega dele chamado Cezar (naquele tempo com telefone 288-3359) acompanhado de um grupo de policiais fortemente armados, inclusive com metralhadoras, chegou em nossa casa buscando-o e acusando-o de subversivo. Revistaram especialmente seu quarto, levaram certos documentos, todos trabalhos escolares, inclusive um poema Henrique (pátria do pai) que naquela época fazia parte do bloco comunista. Não nos devolveram nenhum desses documentos.

Meu filho tinha muita energia, desde pequeno se sobressaía pela personalidade, inteligência, sociabilidade, querido e admirado pelos professores, colegas, amigos e vizinhos, tinha um forte espírito de liderança.

Os irmãos adoravam esse irmão mais velho porque sempre lhes deu muita atenção, conversando e brincando com eles.

Como Alexander não apareceu em casa, a polícia retirou-se no dia seguinte. Não mais o vimos, recebemos uma carta dele dizendo que tentaria de sair do país, pedindo para não nos preocupar pois ele era inocente, para Natal recebemos também um cartão.

Ele e um grupo grande de colegas do Colégio Tidelino de Tiquié, mais conhecido como Colégio de Aplicação, foram processados pela justiça militar por subversão. O colega Cezar não foi processado.

Tô defendido e inocentado,



C de Vovoes

elo advogado nomeado pelo militares, chamado  
Juarez A. A. de Alencar, com escritório na rua Cons.  
Crispiano. 40, 6º andar, fone 364240.

O que mais nos impressionou foi  
- acusação de:

"Alexander José Voerds Glesen é  
outro estrangeiro que vem fazer subversão no Brasil.  
Foi membro do VAR, em sua residência houve a  
apreensão de valioso material (fls 193) não tem atos  
plenamente fixados, mas a filiação é o suficiente  
para uma condenação".

Essa acusação nos doeu muito  
pois ele chegou ao Brasil com apenas um mês, a  
única vez que viajou para o exterior, foi quando  
tinha dez anos, para conhecer os parentes no Chile,  
num passeio de um mês, de 5 de janeiro de 1962 até  
07 de Fevereiro de 1962.

Ele amava o Brasil, queria  
naturalizar-se, mas não teve tempo.

Os irmãos mais novos, de  
14, 7 e 5 anos, sentiam muito sua falta e nós esta-  
vamos muito preocupados com seu paradeiro.

Com a sentença de inocência,  
sentimos um certo alívio e pensamos que ele volta-  
ria para casa.

Em todo o tempo que não sou-  
bemos dele, fomos vigiados e nossa correspondência  
e telefone também.

Dia 28 de Fevereiro de 1972,  
quando assistíamos T.V. sabemos que ele tinha  
morrido, numa emboscada feita pela polícia; ti-  
nha sido metralhado, teve 17 perfurações a bala.  
Só no dia 29 a polícia nos

entregou o cadáver, não permitindo que fizéssemos velório.

Foi enterrado dia 1º de março no Cemitério da Paz.

O Consulado Chileno, sabendo da notícia nos clamou, querendo saber se estávamos de acordo em fazer uma reclamação internacional sobre o assassinato dele, pois foi divulgado tanto no processo quanto no comunicado aos meios de divulgação e com ênfase a sua nacionalidade, muito convenientemente, porque na época o governo chileno era de orientação socialista, sendo basicamente o único pretexto. Ponderamos que tínhamos mais três filhos menores, todos nascidos no Brasil, querendo que eles fossem educados respeitando seu país, sem ódio nem rancores, portanto nos recusamos a fazer qualquer pleito.

C de Voerles.